

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

O DETERMINISMO ANTROPOGEOGRÁFICO CLÁSSICO E A PAISAGEM ETNOGRÁFICA RURAL

Kelton Gabriel

Boletim Gaúcho de Geografia, 41, n. 2 : 422-440, maio, 2014.

Versão online disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/44615>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 2014.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

O DETERMINISMO ANTROPOGEOGRÁFICO CLÁSSICO E A PAISAGEM ETNOGRÁFICA RURAL.

KELTON GABRIEL ¹

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade trazer reflexões sobre a importância do determinismo antropogeográfico na análise atual da paisagem etnográfica rural. Isto se justifica através da argumentação de que a paisagem etnográfica é temporalmente anterior à paisagem industrial urbana, e, portanto a análise do determinismo geográfico ainda é coerente para o estudo deste tipo de paisagem expressa por culturas específicas ou grupos étnicos. Tal afirmativa pode ser vista como discutível, pois o determinismo geográfico foi amplamente rejeitado pelos cientistas regionalistas. Uma das facetas da etnografia era a raça humana, e o tema racial também se pretende analisar aqui em sua clara fragilidade ética e sua posição dentro do determinismo biológico, pois a raça, em certo sentido, era um conceito do determinismo que em determinado momento pode ser lido como resultado do posicionamento geográfico no qual as sociedades se desenvolveram isoladamente, por longo período da história humana. Atualmente é possível qualquer um descendente germânico, por exemplo, pertencer a cultura japonesa, e ser aceito, porém por determinismo biológico, não poderá pertencer a etnia japonesa. O espaço geográfico na discussão deste tema, certamente ultrapassado na atualidade, e até mesmo polêmico, teve seu papel. E é nisso que se pretende timidamente focar a discussão: o determinismo antropogeográfico aparenta ter criado a possibilidade de definição da paisagem etnográfica rural.

Palavras-Chave: : Determinismo Geográfico; Etnografia; Ruralidade; Paisagem.

INTRODUÇÃO

O determinismo antropogeográfico clássico trabalha na lógica de que o meio determina a cultura e os costumes do homem em sociedade. A altitude e latitude do local determinam o tipo de clima, que por sua vez é determinante e determinado pela vegetação (BOHM, 2009), que dá possibilidade de existência para determinadas espécies de animais, que por sua vez compõe as riquezas naturais que determinam o tipo de “cultura” humana que se de-

1 Licenciado, Bacharel, Mestre em Geografia Doutorando em Geografia/UUEL
e-mail: kelton.gabriel@gmail.com

envolverá. Os costumes ou rituais estariam sempre ligados ao clima e a flora e fauna existentes. Os estilos arquitetônicos das habitações e os trajes usados seriam adaptações diretas ao clima do local.

Perante o determinismo geográfico pode-se compreender genericamente a peculiaridade das paisagens etnográficas rurais. As características da cultura humana se apresentam em adaptação direta ao que a natureza local pode fornecer. A pele ou tecidos das vestimentas, os pratos típicos, os temas das lendas, as atividades cotidianas, etc., tudo isto, que se encontra nas culturas tradicionais, são propriedades retiradas da ligação direta do homem com a terra.

Mas se se procurar uma visão de conjunto sobre a terra, percebe-se toda uma série nova e muito rica de fenômenos de superfície: aqui cidades, ali estradas de ferro; aqui culturas, ali pedreiras; aqui canais ou bacias de irrigação, ali pântanos; aqui e ali, acima de tudo, multidões ou grupos mais ou menos densos, são fenômenos de superfície e, portanto, fatos geográficos. Vivem sobre a terra. Estão submetidos às condições atmosféricas e terrestres. Pertencem a certos climas, a certas altitudes, a certas zonas. Além disso, eles vivem na terra: subordinando-se aos fatos naturais é que assegurarão a seus corpos o cuidado indispensável e a suas faculdades o desenvolvimento e o florescimento (BRUNHES, 1962, p. 26).

No entanto há muitas nuances da cultura que não são retiradas diretamente da terra. Muito material é simbólico e está na estrutura inconsciente do ser humano. As imagens simétricas, os desenhos, os traçados arquitetônicos e as lendas ou poesias (FICHTE, 1987), são propriedades imateriais que nascem do espírito humano, e muitas vezes não correspondem ao determinismo geográfico e se manifestam universalmente entre as sociedades isoladas sem a necessidade da linguagem entre os povos.

Eu não posso referir-me, senão de passagem, à investigação etnográfica que, nos nossos dias, se entendeu aos povos mais diversos. Sob as variantes dos meios ambientes, domina uma impressão de unidade. Como explicar que através destas diferenças haja tantas ocasiões de verificar semelhanças e convergências entre regiões muito afastadas? Sobre os principais incidentes da existência, e, particularmente, sobre a morte, a doença, a sobrevivência das almas, idéias que podemos considerar como o triste e universal quinhão da humanidade, criaram mitos, superstições, representações figuradas, máscaras ou estatuetas, todo um material etnográfico análogo. Há um fundo primitivo comum, o qual faz com que o homem se encontre quase por toda a parte semelhante a si mesmo (LA BLACHE, 1954, p. 60).

Outro aspecto importante é que algumas maneiras da vida cotidiana das sociedades tradicionais nem sempre são fatos ligados a terra, mesmo

que aparentemente sejam. Por exemplo, o kimono (vestimenta tradicional japonesa) não é fruto direto das condições geográficas do Japão. Pode-se usar kimono em qualquer lugar do mundo e esta vestimenta poderia ser facilmente assimilada pelas sociedades em outros climas e terras. Por outro lado, no Japão poderia ser a calça e a blusa as vestimentas tradicionais. A razão do formato do kimono está mais ligada ao histórico bélico e artístico e as práticas das artes marciais do que ao clima e a terra. O hakama japonês, por exemplo, tem muitas similaridades com a “bombacha” gaúcha, e ambas são trajes para facilitar a montaria em cavalos. Nas artes marciais japoneses serve também para camuflar os passos e diminuir a capacidade de previsão de movimentos.

Apoiado nessas considerações o presente trabalho propõe uma análise e reflexão sobre até que ponto o determinismo geográfico serve de argumentação para a concepção de paisagem etnográfica rural e tradicional. Os autores clássicos, sem dúvidas, têm uma melhor aceção do modo de vida tradicional ligado a terra, justamente por ser esta realidade mais presente no tempo em que eles contribuíram para o desenvolvimento geográfico. Atualmente a cultura tradicional já não se comporta de modo completamente ligado a terra como era antigamente. A globalização e o capitalismo transterritorial colocam a cultura tradicional em módulos móveis e desenraizados, que permitem inclusive a venda da cultura, de modo que a mesma não perca sua originalidade, o que de certo ponto de vista pode ser algo positivo, perante a iminente destruição, como ocorreu com várias culturas atingidas pelo capitalismo globalizado. Por outro lado, algumas culturas tradicionais resistentes aparentam e encenam uma motivação capitalista, justamente para conseguirem preservar as tradições perante o hibridismo cultural do capitalismo (uma camuflagem), que são realizadas de modo realmente sagrado (TANIZAKI, 2007).

Partindo da apresentação de autores clássicos sobre o determinismo geográfico e raça humana o trabalho apresenta o conceito de Paisagem Etnográfica Rural como é concebido na atualidade e propõe como ferramenta de extração e análise da mesma a aceção clássica do determinismo geográfico.

O DETERMINISMO GEOGRÁFICO E SEUS AUTORES CLÁSSICOS

Antes de penetrar nas colocações de Ritter, é interessante apresentar que os comentaristas de sua obra, ao abordarem este ponto, limitam-se praticamente a apontar a perspectiva determinista aí contida. É o caso de G. Nicolas-Obadia, que considera ser o grande mérito de Ritter o haver ele passado do determinismo global ao especificamente geográfico. É também o caso de P. Claval, que não tem dúvida em enquadrá-lo nesse rótulo, dizendo que Ritter tinha por objetivo central discutir “como a configuração das terras determina o destino dos povos”. Também

E. Lavasseur, para dar apenas mais um exemplo, compartilha dessa opinião. Diz ele: "Ritter tem dois defeitos que não são raros entre seus concidadãos: dilui suas idéias na imensidão de sua erudição, e, mesmo aceitando a influência decrescente da natureza à medida que a civilização avança, tende muito ao fatalismo que assimila as diversas formas de civilização a um tipo de vegetação própria a cada solo". Assim, vê-se que a discussão ritteriana sobre o elemento humano na Geografia é identificada diretamente com a gênese da "escola determinista" (MORAES, 2002, p. 187).

E mais,

É na aceitação do estudo das relações como caminho para se apreender a individualidade dos Todos terrestres que Ritter se depara com aquela que será uma das questões a cujo tratamento seu nome será mais vinculado no futuro: a questão das relações entre as condições naturais e o desenvolvimento histórico dos povos. Ritter considera parte importantíssima da ciência geográfica o exame "da influência que o ambiente físico exerce tanto sobre o mundo inorgânico como sobre os organismos vivos, sobre a evolução e desenvolvimento dos indivíduos e povos, e assim sobre toda a humanidade". Vê-se que este tema aflora aqui enquanto elemento diferenciador da superfície terrestre, logo geográfico. Isto fica claro na seguinte passagem: "A Terra e seus habitantes mantêm-se na mais estreita reciprocidade, não podendo um ser apresentado em todos os seus aspectos sem o outro. Assim, pois, a Geografia e a História devem sempre andar juntas. A Terra tem influência sobre os habitantes e estes últimos sobre a Terra" (MORAES, 2002, pp. 180-1).

A obra de Carl Ritter marca conjuntamente com as obras de Humboldt o início da Geografia Moderna, e aparenta ser de fato o primeiro a pensar sobre o "determinismo geográfico". A interdependência entre o homem e a Terra é notada acentuadamente em sua obra, quando descreve as formações físicas da terra é possível perceber que a descrição quase sempre é voltada para um possível uso ou desuso humano. E o trecho abaixo salienta o que o professor Moraes comentou em sua obra acima citada.

The Earth draws our attention to itself, however, not as simply a unit in the planetary system, but as the home of the human race. The physical description of the globe includes the relations of the Earth as a star amid the heavenly hosts, while Geography, taken most comprehensively, regards the Earth as the dwelling-place of Man. From a geographical point of view, the world becomes to us the common home of our race, the theater, not of the operations of Nature in the most unrestricted sense, but the arena for the development of human life and history. The whole animate and inanimate creation is tributary, looked at geographically, to the fashioning of the destiny of Man. Without Man as the central point, Nature would have no interest to the geogra-

pher; without the Earth, constituted just as it is, the races of men and the course of human history could not claim his attention. The Earth is not only the best know of planets, but, as the home of man, infinitely the most interesting. The study of it is at the foundation of history as much as of physics (RITTER, 1865, p. 14-15).

Friedrich Ratzel (1844-1904) sem dúvidas é um dos primeiros cientistas a trabalharem com o tema aqui proposto - conjuntamente com Karl Ritter, que reformulou o conceito “*landschaft*” na Geografia Moderna (ROSENBERG, 2013) - e seu nome geralmente é associada ao termo “antropogeografia”, que trata-se do título de sua obra central. No entanto, também em uma outra obra um pouco menos conhecida que sua contribuição cresce na temática aqui proposta o livro “*Völkerkunde*” (Etnografia) (RATZEL, 1885).

Um dos principais geógrafos na história da Geografia brasileira, Antonio Carlos Robert Moraes, trabalhou em um livro onde realizou interpretações e traduções de alguns textos de Ratzel. Segundo Moraes a obra de Ratzel foi fundamental para o desenvolvimento da Geografia Moderna, pois ligava de modo esclarecedor, pela primeira vez, o homem com o ambiente natural. Por outro lado, suas explicações sobre “raças humanas” e “espaço vital” foram de tamanha fatalidade indiretamente negativa na história, pois influenciaram de modo significativo o nazismo alemão responsável pelo início da Segunda Guerra Mundial, como é possível se perceber nas linhas do bizarro e doentio livro *mein kampf* do líder nazista. Ratzel abria a discussão no campo entre a antropologia e a política, algo extremamente acentuado e aparentemente coerente com a realidade até então. Coerência essa que acabou com a vida de milhões de pessoas no século vinte, pois fundamentava cientificamente o racismo (RATZEL In MORAES, 1990, p. 109).

Os cientistas alemães do início do século 20 usavam a concepção de raça para as diferenciações deterministas do ambiente e o homem, sem que tivessem consciência “racista” de suas posições científicas, como é o exemplo abaixo, original de 1911:

As raças, do ponto de vista da sua capacidade de inclinação, formam uma série, em cujas extremidades colocam-se as nórdicas e as mongólicas: as primeiras em geral não resistem por muito tempo aos trópicos, aos subtropicais, aos desertos, a tôdas as formas climáticas “meridionais”, às quais conseguem ambientar-se só condicionalmente e com muitas dificuldades; as segundas, porém, são as raças humanas climaticamente mais fortes que conhecemos.

Isto causa maravilha, tanto mais que pela coloração epidérmica a raça amarela parece a mais próxima da raça branca. Povos e indivíduos mongóis vivem e agem (modestos e diligentes como as abelhas) tanto nas regiões tropicais como nas subárticas; ou melhor, o seu habitat na-

tivo estende-se entre o trópico meridional até o círculo polar ártico, isto é, entre mais de 100 graus de latitude. Que se trata aqui precisamente de uma propriedade da raça, é provado pela mesma indiferença climática dos ramos racionais asiáticos e americanos; também os índios ocuparam tôda a América, do Equador à Terra do Fogo frio-úmido no hemisfério norte, com compactas cadeias de populações, cujos membros prosperaram juntos até o seu extermínio levado a efeito pelo homem branco.

No que concerne às outras raças, existem numerosas experiências em larga escala somente para as raças morenas (Mediterrâneo) e para as raças “negras”, os negros. Ambas precedem as raças nórdicas, mas seguem as amarelas na capacidade de mudar de clima. O clima adequado, o clima nativo para os negros são os trópicos, para os mediterrâneos os subtropicos; ambos os grupos a princípio não se sentem muito bem nas zonas nórdicas, sentem muitas saudades do sol e do calor, mas a inclinação dá-se com menos prejuízos que para as raças nórdicas emigradas para os trópicos. Pode-se dizer que as dificuldades de adaptação para eles são mais subjetivas que objetivas (HELLPACH, 1967, orig. 1911, pp. 169-170).

O tema é eticamente complexo de ser discutido, pois a etnia que gera o estudo etnográfico se fundamentava no componente biológico do homem, ou seja: a raça. O estudo do tema é complicado até mesmo para os grandes nomes da ciência, como pode-se perceber em Claude Lévi-Strauss, que dedica o primeiro capítulo de sua obra “Raça e História” (compreensão do etnocentrismo), para explicar como é complexo o tema na área de Antropologia e ética (LÉVI-STRAUSS, 1952, pp. 7-11). “Uma raza es una agrupación principal de gentes relacionadas entre sí que poseen una combinación peculiar de caracteres físicos, resultado de una composición genética característica” (HOEBEL, 1961, p. 134).

No entanto, já se sabe que a “raça humana” é um mito, “(...) evidências levam à conclusão de que as raças humanas não existem do ponto de vista genético ou biológico” (PENA; BIRCHAL, 2006, p. 15), pois não se trata de uma diferenciação fisiológica e sim fisionômica, ou seja, aparentemente e não sistematicamente. Além do mais, não existem estruturas do DNA naturalmente iguais na natureza humana, portanto nenhum ser humano pertence há um grupo biológico determinado e homogêneo. As alterações fisionômicas podem ser reflexos da adaptação do sistema biológico humano a um determinado local, no qual por grande período permaneceu.

Com o passar do tempo, e pela lição aprendida na Segunda Guerra Mundial, a etnografia (ethnos) – passaria a ser um “tipo orgânico e integrado de associação”, grupos étnicos (BERNARDI, 1974, p. 61) – extrapolou a etnia como condição biológica e fixou-se na cultura humana, ou seja, no

saber-fazer cotidiano (CERTEAU, 1994; MEDEIROS, 2010, p. 176). Isto é claramente observado nas obras pós-1945 (FRANCA, 1954). A raça deixou de ser analisada como era feita nos clássicos, por outro lado às culturas tradicionais ganhavam o hibridismo e a tradição já não era mais um “território” ou “espaço vital” e sim um “lugar” ou um “espaço vivido”. As diferenças agora não são mais fronteiras e sim conteúdos trocados e opções de estilo de vida.

A estrutura enciclopédica de localizações geográficas foi inicialmente implantada na ciência pela equipe de Paul Vidal de La Blache na extensa obra Geografia Universal. O modelo sempre parte da descrição física (paisagem natural) do local e finaliza na paisagem cultural e econômica, salientando assim a ordem cronológica do acontecimento dos fenômenos da Terra (LA BLACHE; et al., 1928). Este modelo influenciou amplamente a percepção da ordem natural do discurso geográfico.

A Geografia criou inclusive uma disciplina denominada “Geografia dos Trópicos”, onde era focado como principal região de ecúmenos na Terra. As diferenciações eram sustentadas no determinismo biológico calcado em etnografia clássica, sempre partindo das discrições naturais para as culturais do local.

A constituição recente de uma <<geografia tropical>>, conjunto de factos de clima e de paisagem vegetal, de regime das águas, de relevo, de modos de vida e de formas de ocupação do solo, próprios e específicos da mais extensa e contrastada das zonas terrestres, esboçada a bem dizer nos nossos dias, veio deslocar, em relação a muitos destes aspectos, o eixo de organização da Geografia geral. Dir-se-ia que, à escala do globo, e para a compreensão dos seus enigmas, estas regiões adquirem, à medida que vão sendo melhor conhecidas, cada vez mais peso (RIBEIRO, 1968, pp. 19-20).

Nas discussões sobre definição do ecúmeno (espaço habitável pelo homem) pode-se gerar uma tendência de distinções biológicas entre as espécies, como pode-se ler na visão expressada por Max Sorre, onde argumenta que o homem, diferente de muitos animais, consegue se adaptar e viver em todas as partes do planeta, incluindo as profundezas do oceano equipado com submarinos. Isto se dá devido ao homem ter um privilegiado sistema de adaptação orgânica e principalmente sua capacidade industrial (SORRE, 1995, pp. 67-8). “As vocações do ambiente são valorizadas de forma diversa pela sociedade, mas o progresso técnico faz com que a organização do espaço seja cada vez menos influenciada pelo ambiente” (FERRO, 1979, p. 51). Por outro lado, pode sim o determinismo geográfico desenvolver tipos peculiares de industrialização, que derivam da extração de matéria prima e sua benfeitoria, como é o caso da cidade de Lecco na Itália, onde seu território industrial foi analisado por Carlo Della Valle na década de 50 sob um prisma antropogeográfico (VALLE, 1954).

A vertente contraditória ao determinismo denominada por Lucien Febvre (orig. 1921) é o “possibilismo”, que posteriormente ao determinismo geográfico demonstrou em dados que o ambiente não influencia o habitat humano, como salienta Pierre George na conclusão sobre habitações e demografia na obra *Panorama da Geografia*: “1. Que nenhum facto ou acção do meio natural exerce papel determinante; que as leis da distribuição demográfica, se as há, não são leis físico-geográficas.” (GEORGE, 1955, p. 61). Esta afirmativa é correta para o século 20, quando a industrialização já dava suporte cotidiano aos seres humanos (ruptura com o meio natural); no entanto no período anterior a industrialização, ou mesmo no final do século 19, quando Ritter e/ou Ratzel formularam suas conclusões, o mundo era rural e a etnografia era de fato determinada amplamente pelas condições físico-geográficas. Parafraçando Roberto Campos: “Tudo é belo e perfeito em seu devido lugar e tempo”.

O determinismo quase sempre se comportou como um tema a ser vencido por alguns, por outro lado, devido sua coerência discursiva os geógrafos clássicos, até mesmos os mais importantes nesta transposição, sempre se convenciam momentaneamente deste fato.

Acima do localismo em que se inspiram as concepções anteriores, esclarecem-se as relações entre a terra e o homem. A distribuição dos homens foi guiada na sua marcha pela aproximação e convergência das unidades continentais; a solidão das bacias oceânicas separou ecúmenas longo tempo ignoradas umas das outras. Os grupos que, na vastidão dos continentes, se fixaram aqui e ali, quantas vezes não ficaram separados uns dos outros por obstáculos físicos que não vieram a transpor senão com o decorrer dos séculos: montanhas, florestas, pântanos, regiões sem água etc. A civilização resume-se na luta contra estes obstáculos (LA BLACHE, 1954, p. 40).

A natureza, por sua vez, nunca deixou de ser mencionada como fator importante, mesmo não sendo mais compreendida como determinante:

Em todo o caso, as causas físicas, cuja importância os geógrafos se tinham anteriormente esforçado por sublinhar, não devem por isso ser desprezadas; importa sempre assinalar a influência do relevo, do clima, da posição continental ou insular sobre as sociedades humanas; mas devemos encarar os seus efeitos no homem e no conjunto dos seres vivos, simultaneamente.

É assim que melhor poderemos apreciar a parte que convém atribuir ao homem como fator geográfico. Ele é, ao mesmo tempo, activo e passivo – pois, segundo a sentença bem conhecida, “*natura non vincitur nisi parendo*” [Não se vence a natureza senão obedecendo-lhe] (LA BLACHE, 1954, p. 41).

Uma terceira discussão epistêmica de importância dentro da Geografia clássica é o de diferenciação das aéreas através do relacionismo, ou seja, as áreas são geograficamente distintas devido ao tipo de relação exercido pelos agentes que compõem aquela área, e essa visão se difere do determinismo e também do possibilismo, sendo primordialmente sido proposta pelo geógrafo alemão Alfred Hettner (MORAES, 1985, pp. 84-92).

A ETNOGRAFIA É ESPECÍFICA E A ETNOLOGIA É RELACIONAL

A Etnologia é a ciência da cultura humana. Os seus campos de investigação são a cultura material e técnica, a organização social, a religião, a magia, a arte e, sob certos aspectos, também a ciência, posto que todos estes componentes culturais constituem uma unidade funcional, encadeiam-se em grande parte uns nos outros. Nem todos consideram artificiosa e errônea a distinção frequentemente proposta entre etnografia e etnologia como dois ramos distintos da ciência da cultura, entendendo-se por etnografia a recolha e descrição do material etnológico com carência de observação, e por etnologia o exame comparativo das várias culturas à luz das suas diferenças histórico-evolutivas (TISCHNER, 1972, p. 7).

As pesquisas etnográficas compõem um estudo geográfico de seus elementos biológicos humanos em sua classificação primária (MOUTINHO, 1980, p. 13). Por exemplo, os termos usados por Max Sorre em seu livro “El Hombre en la Tierra” apresentados nas lâminas fotográficas para exemplificar os tipos de culturas do mundo (japoneses, branco nórdico, branco alpino, branco eslavo, tipo mediterrâneo, esquimó de Alaska, muchacha indonésia, negro de Katanga, negro arcaico e indígena das ilhas Palaos) já reforçam a ligação, extremamente discutível, entre a etnografia da antropologia e o determinismo geográfico (SORRE, 1967, p. 96-7).

Por outro lado, a Antropologia já compreendia a diferenciação entre etnia e cultura, pois o mesmo foi necessário ser realizado para compreender o ascendente fenômeno do hibridismo etnográfico:

Tivemos assim uma bi-partição dos objetivos da Antropologia: a) num setor que estudaria o Homem Natural, os grupos humanos nos seus quadros biológicos, em suma, a Raça, e b) num setor que estudaria a “soma total das criações humanas”, o resultado dessas criações, numa palavra aquilo que hoje chamamos a Cultura. Essa divisão é porém arbitrária, pois na realidade não encontramos hoje na face da terra, um exemplo do que poderíamos chamar o Homem Natural. O Homem é sempre acompanhado da sua cultura, nesse sentido que ele é um criador de técnicas que modificam o seu comportamento, com o domínio progressivo da Natureza. A cultura é assim uma progressiva conquista de técnicas com as quais o homem procura ultrapassar a sua condição

de animal natural. Neste sentido, mesmo nos agrupamentos mais rudimentares, há o funcionamento dos processos da cultura, considerada nos aspectos chamados materiais, e não-materiais, e ainda nos aspectos de inter-comunicação, ou organização social (RAMOS, 1951, p.6)

Para alguns autores o tema do homem com o determinismo geográfico apenas é relevante se falar-se de “homem físico” e “natureza física”. Pois é o organismo biológico do homem, e não sua cultura e psique, que dependem diretamente do meio natural (WAGNER, 1974, pp. 56-59).

A PAISAGEM ETNOGRÁFICA RURAL COMO LIGAÇÃO COM A TERRA

Rural space makes the rural landscape and includes the attributes of agricultural area, those of housing, tourist facilities, historical objectives and equipment providing the link between rural (habitat) and productive forms, between them and markets. Rural settlement is defined as a human community situated in a well defined territory and engaged in multiple primary followed by secondary and tertiary activities, being from this point of view, a basic concern for interdisciplinary research: geography, sociology, history, economics, etc. They approached economic issues related to: resources, cultural and artistic traditions, architecture, handicraft activities, conducted in rural areas that could be problematized based on components of conceptual complex: Rural settlement + rural space = ethnographic landscape (APOSTOL; PARASCHIV, 2011, p. 162).

As regiões geográficas não são estanques, e como nos ensina Paul Vidal de la Blache, os fenômenos não são isolados e não levam em si sua própria explicação (BRUNHES, 1962, p. 38). A paisagem é um elemento essencial para o homem, porém quando ausente provoca alterações profundas na cultura e momentos de introspecções e isolamentos podem desenvolver um povo em sua arte e ciência, pois inspira-os a ter mais imaginação para que a mesma sirva de fuga do nada assombroso da ausência de elementos da paisagem.

O homem tropical - dispensando bons abrigos, roupas pesadas e já não tendo na própria pele encharcada de suor o envólucro que bem delimita - abandona-se facilmente ao meio cuja pujança o engloba e pode transformar-se em enleamento. Nas regiões de frio intenso, pelo contrário, o homem hiberna no isolamento de seus abrigos, até que lá fora a natureza paralisada volte de novo a funcionar. Dêste seu isolamento, tenta então reintegrar-se no meio agressivo interpretando a golpes de imaginação atrás de uma vidraça, até que a primavera desenhe de novo o realismo da paisagem sobre a brancura da neve. (Nas regiões quentes e secas os homens também se isolam dos ventos estorricantes do deserto embrulhados em seus albornozes brancos ou protegidos atrás

das grossas paredes de suas casas viradas para dentro, em tórno de um pátio onde canta um repuxo. São homens que também interpretam apartados, de fora, e tentam romper pela imaginação a brancura monótona do deserto de areia que os circunda) (LATIF, 1959, pp. 112-3).

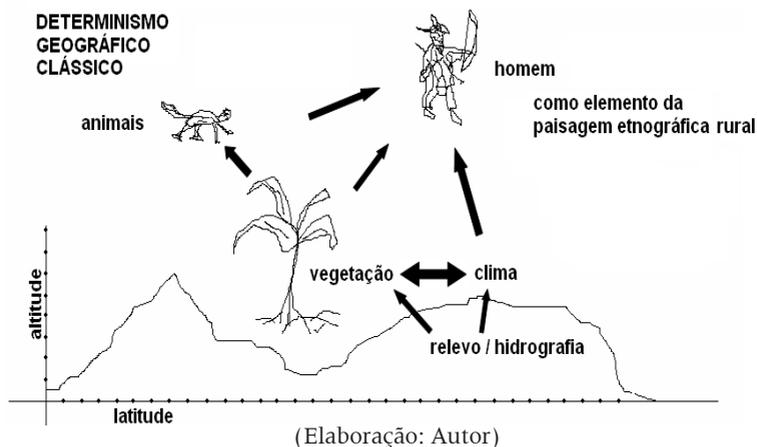
A paisagem é um fenômeno de observação, é o espaço observado. Por essa razão, as descrições teóricas da etnografia (HAMMERSLEY, 1992, p. 12-3) se tornam mais adeptas ao estudo da paisagem do que a etnologia, portanto: paisagem etnográfica, é a descrição dos fenômenos expressos por determinado grupo étnico-cultural (Fig. 1).

Figura 1 - Artefatos de culinária com forte ligação com a terra local, são estes artefatos etnográficos, repara-se que pedras são usadas como suporte para a panela (



O relevo e os rios se auto determinam conforme as leis da geomorfologia que determinam a vegetação, fornecendo minerais e umidade específica, que fará que apenas alguns tipos de vegetais sejam considerados nativos daquele local. O clima influencia e é influenciado pela vegetação e altitude. Os animais em geral são habitantes dos lugares onde há uma possibilidade de seu alimento, porém não estão, assim como o homem, estreitamente ligados ao solo, apenas indiretamente dividida a alimentação (HELLPACH, 1967, p. 231). O homem ao ocupar um determinado local apreende com o ambiente a cultivar alimentos e extrair da natureza seu sustento. Por mais que seja aparente independente, o homem é um dos sistemas biológicos mais frágeis da natureza (Fig. 2).

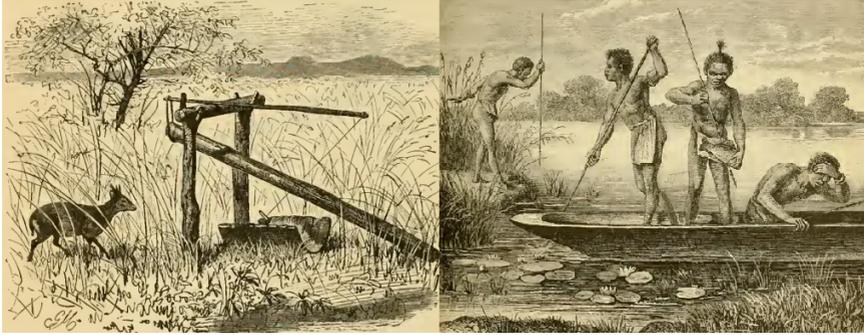
Figura 2 – O Determinismo Geográfico e sua influência na Paisagem Etnográfica Rural do homem sem a presença predominante de artefatos industrializados



O relevo nas suas atividades independentes da atividade e vontade humana é estudado desde os primórdios da ciência, sem que houvessem indagações sobre a ação antrópica (SOULIER, 1925). A natureza já existia antes do homem, e a ciência geográfica também seguiu a lógica de primeiro estudar o natural depois o homem.

Os animais ensinaram o homem a encontrar alimentos e principalmente a água em um ambiente selvagem. Os animais formam seus territórios pensando em proteger suas fontes de alimentação e reprodução (KLOPFER, 1969). A observação da natureza ou da paisagem natural, foi a primeira aula para o conhecimento humano. A natureza ensina, e nunca se engana. Ainda hoje culturas orientais são muito atenciosas aos ensinamentos da natureza. Certo filósofo aprendeu sobre a vontade schopenhaueriana da natureza observando uma formiga que caminhava de um lado para outro em um graveto segurado por ele, cansada de ser enganada pelo filósofo e de não conseguir encontrar outra realidade ao invés do graveto a formiga acaba pulando e se lançando ao chão.

Figura 3 - Nada de produtos importados e industrializados em supermercados, a paisagem etnográfica rural retrata a retirada de alimentos diretamente do que a terra tem para fornecer



(RATZEL, 1885, p. 330)

A observação das estratégias de caça entre os felinos africanos ajudaram aos nativos criarem os cercos e conseguirem facilmente caçar animais mais velozes do que eles. Os rituais de acasalamento e a coloração exibicionista de uma ampla variedade de animais, principalmente as aves, influenciaram muitas danças e vestimentas humanas, que com o passar do tempo foram sendo aprimoradas.

Entretanto, porque os animais já sabem destas coisas instintivamente enquanto os humanos precisam aprender? Será que os animais também têm transmissão de cultura? Certamente as habitações feitas pelos animais não evoluem com o tempo, mas quem disse que o ser humano consegue enten-

Figura 4 - Casas que se adaptam ao nível do rio, e protegem os habitantes dos perigos da mata, antiga aldeia africana, aqui pode-se presenciar a forte ligação do homem com a terra



(RATZEL, 1885, p. 330)

der sobre evolução? Os homens pré-históricos eram menos inteligentes? Ou o homem moderno é quem se usufrui do resultado histórico e por si não conseguiria sobreviver uma semana na selva? Certamente o organismo vivo se adapta através de suas possibilidades cognitivas à realidade na qual está inserido.

O homem em posse das técnicas industrializadas e impulsionado pela economia certamente passou a determinar e influenciar a natureza, muito mais do que ela determina e influencia o homem moderno (FELS, 1955). Neste ponto de vista, o homem moderno ligado a uma ampla possibilidade de informações através da internet, podendo, portanto em teoria aprender qualquer ofício, trabalha com muito mais eficiência em um computador, do que um camponês trabalharia. Por outro lado, não conseguiria ter a mesma práxis com a enxada, e certamente não conseguiria, no auge de sua inteligência carpir mais do que 500 m² por dia. Isso não se deve apenas ao condicionamento físico, é preciso ter a técnica correta do manuseio da enxada para não cansar facilmente, é como nadar. No entanto, tanto o homem moderno como o camponês teriam meios de exercer a função um do outro de modo cada vez mais eficiente, se existir a necessidade, que ativará uma das mais ricas capacidades humanas: a adaptação.

A pele da imigrante japonesa há mais de 50 anos no Brasil ganha nova cor. O organismo humano e sua psique se adapta com o tempo ao ambiente, mas não perder por completo sua origem.

La yuxtaposición de los tipos somáticos que componen el ecúmene y lo que sabemos o creemos entrever sobre el mecanismo de su localización, abren a los geógrafos amplias perspectivas sobre varias avenidas de la Geografía humana.

Si no cabe duda de que, em el transcurso de los tiempos, grupos acantonados en una región han podido desarrollar caracteres especiales, por MUTACIÓN o por otros medios, ello no significa que tuvieran su origen em aquella misma región (SORRE, 1967, p. 10).

A Teoria da Evolução de Darwin e a de adaptação de Lamarck poderiam auxiliar essa discussão, ou o que pode ser entendido com uma abordagem neo-evolucionista (LABURTHE-TOLRA; WARNIER, 2003, p. 372-3). No entanto o tempo é tão curto entre a realidade etnográfica rural e a alta industrialização que não se pode pensar em alterações profundas na espécie, tanto porque o hibridismo biológico já é uma “evolução” natural humana. A concepção cultural, por outro lado, ainda persiste. Nem todos os samurais modernos têm olhos puxados, e nem todos os capoeiristas tem a pele negra. A cultura ultrapassa o biológico e se expressa em uma paisagem, que por mais que esteja permanente em um espaço hospedeiro sempre remete

o pensamento a sua localização original. A paisagem etnográfica rural em alguns de seus elementos tradicionais, por outro lado, ainda é uma expressão remanescente direta do determinismo geográfico estudado nos primórdios da ciência. Cada paisagem está em seu próprio tempo. Podendo portanto ainda hoje, ser estudada com alguns aspectos dos olhares dos pesquisadores daquele tempo, em uma análise seletiva pode-se buscar o determinismo na geograficidade das paisagens etnográficas rurais.

Figura 5 – A posição inicial do surgimento dos elementos da paisagem etnográfica no tempo e sua respectiva e mais coerente disciplina de análise



(Elaboração: Autor)

A pesquisa de campo da disciplina “etnografia” em sua atualidade pode ter uma ampla gama de espacialidades para atuação, focando em pequenos grupos e/ou em determinados locais (HAMMERSLEY; ATKINSON, 1994, p. 97). No entanto, a paisagem etnográfica ao ser analisada sob o aspecto do determinismo antropogeográfico clássico pode-se limitar a sua atuação em áreas “antigas” que desempenhavam ou desempenham um modo de vida rural, ou seja, ligado a terra local. A paisagem etnográfica, na atualidade, está ligada diretamente com os conceitos de identidade cultural e patrimônio, que por sua vez configuram a resistência (fechamento) e persistência (adaptação aparente) cultural (ROMANUCCI-ROSS; DeVOS, 1995).

Portanto, elementos da paisagem etnográfica concebidos atualmente têm forte ligação com a terra de origem, como por exemplo, a declividade dos telhados das construções neerlandeses, que é devido a neve; a katana japonesa; o adestramento de elefantes, etc. todos estes elementos étnicos tem o seu desenvolvimento diretamente determinado pelo espaço geográfico que originalmente pertenciam ou pertencem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da paisagem etnográfica baseada no determinismo antropogeográfico, além de dar suporte lógico ao pertencimento do local proporciona

a importância dentro da paisagem cultural. Para o estudo etnográfico cultural clássico (principalmente pós-1945) pode perceber que as etnias eram definidas mais pelo determinismo antropogeográfico do que pelo determinismo biológico racial (BIRKET-SMITH, 1965). Mesmo que às vezes os autores usem o termo “raça”, a etnia é primordialmente um fator geográfico, isto se deve porque, talvez em perspectiva adaptacionista lamarckiana, até mesmo a raça seja um produto do determinismo geográfico. Isto não é uma afirmativa, mas apenas uma consideração de que o determinismo geográfico teve e tem uma importante posição na história da cultura humana e na expressão da paisagem etnográfica.

O determinismo antropogeográfico não pode ser visto como uma ferramenta de análise antiquada quando se trata do estudo de elementos da paisagem etnográfica rural (predominância de elementos não-industrializados), pois são compatíveis temporalmente. É possível estudar a paisagem etnográfica com análises modernas e/ou pós-modernas, no entanto sua essência é melhor compreendida quando analisada pelo determinismo antropogeográfico clássico.

CLASSICAL ANTROPOGEOGRAPHICAL DETERMINISM AND AND ETHNOGRAPHIC AGRICULTURAL LANDSCAPE

ABSTRACT

This article aims to bring reflections on the importance of deterministic anthropogeography in current ethnographic analysis of the rural landscape. This is justified by arguing that ethnographic landscape is temporally prior to the urban industrial landscape, and therefore the analysis of geographical determinism is still consistent for the study of this type of landscape expressed by specific ethnic groups or cultures. This statement can be seen as debatable, because the geographical determinism was widely rejected by scientists regionalists. One facet of ethnography was the human race, and the racial theme also be analyzed here in its clear ethical fragility and its position within the biological determinism, since the race, in a sense, was a concept of determinism that at any given time can be read as a result of geographical location in which societies have evolved in isolation for a long period of human history. Currently Can anyone Germanic descendant, for example, belong to Japanese culture, and be accepted, but by biological determinism can not belong to ethnic Japanese. The geographical area in the discussion of this theme certainly outdated in nowadays, and even controversial, played a role. And that is what we intend shyly focus discussion: the deterministic anthropogeography seems to have created the possibility of defining rural ethnographic landscape.

Key-Words: Geographical determinism; Ethnography; Rural Affairs; Landscape.

EL DETERMINISMO ANTROPOGEOGRAFICO CLÁSICO Y EL PAISAJE ETNOGRÁFICO RURAL

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reunir reflexiones sobre la importancia del determinismo antropogeográfico en el actual análisis etnográfico del paisaje rural. Esto se justifica con el argumento de que el paisaje etnográfico es temporalmente anterior al paisaje urbano industrial, y por lo tanto el análisis de determinismo geográfico sigue siendo consistente para el estudio de este tipo de paisaje expresado por determinados grupos étnicos o culturales. Esta declaración puede ser vista como discutible, pues el determinismo geográfico fue ampliamente rechazado por los científicos regionalistas. Una de las facetas de la etnografía era la raza humana, y el tema racial también se puede analizar aquí en su clara fragilidad ética y su posición dentro del determinismo biológico, pues la raza, en cierto sentido, era un concepto de determinismo que en un momento dado puede ser comprendido como consecuencia de la situación geográfica en la que las sociedades han evolucionado en aislamiento por un largo período de la historia humana. Actualmente puede, por ejemplo, un descendiente germánico pertenecer a la cultura japonesa, y ser aceptado, pero el determinismo biológico no permite que pertenezca a la étnia japonesa. El área geográfica en la discusión de este tema sin duda es anticuado hoy en día, y aunque polémico, jugó un papel importante. Entonces se pretende, con timidez, centrar el debate en el determinismo antropogeográfico aparentando haber creado la posibilidad de definir el paisaje etnográfico rural.

Palabras clave: determinismo geográfico; Etnografía, Asuntos Rurales, Paisaje.

REFERÊNCIAS

APOSTOL, Liviu; PARASCHIV, Viorel. The Cycle of Anthropic Rural Landscape in Giurgeu Depression. Spatial-Temporal Evolutions. Present Environment and Sustainable Development. Vol. 5, n° 1, 2011, pp. 161-168.

BERNARDI, Bernardo. Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos. Lisboa: Edições 70, 1974.

- BIRKET-SMITH, Kaj. História da Cultura: origem e evolução. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- BRUNHES, Jean. Geografia Humana. Rio de Janeiro: Editora Fundo Cultural, 1962.
- BOHM, Bruce A. The Geography of Phytochemical Races. New York: Spinger, 2009.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GEORGE, Pierre. A Distribuição Geográfica da População e suas Condições. Lisboa: Edições Cosmos, 1955.
- HAMMERSLEY, Martyn. What's wrong with Ethnography?: methodological explorations. London: Routledge, 1992.
- HAMMEERSLEY, Martyn; ATKINSON, Paul. Etnografía: métodos de investigación. 2º ed. Barcelona: Paidós, 1994.
- HELLPACH, Willy. Geopsique: Homem, Tempo, Clima, Solo, Paisagem. São Paulo: Paulinas, 1967, (orig. 1911).
- HOEBEL, A. Adamson. El Hombre en el Mundo Primitivo. Barcelona: Ediciones Omega, 1961.
- FELS, Edwin. El Hombre Economizante como Estructurador de la Tierra. Barcelona: Ediciones Omega, 1955.
- FICHTE, Hubert. Etnopoesia: antropologia poética das religiões afro-americanas. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FRANCA, Leonel. Liberdade e Determinismo: a orientação da vida humana. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1954.
- FERRO, Gaetano. Sociedade Humana e Ambiente, no Tempo: temas e problemas de geografia histórica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
- LA BLACHE, Paul Vidal de; et al. Geografia Universal. Barcelona: Montaner y Simon, S. A., 1928.
- LA BLACHE, Paul Vidal de. Princípios de Geografia Humana. 2º ed. Lisboa: Edições Cosmos, 1954, (orig. 1921).
- LABURTHE-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. Etnologia Antropologia. 3º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- LATIF, Miran de Barros. O Homem e o Trópico: uma experiência brasileira. São Paulo: Agir, 1959.
- LEVBRE, Lucien. A Terra e a Evolução Humana: introdução geográfica à história. Chumusca: Edições Cosmos, 1991.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. Lisboa: Editorial Presença, 1952.
- KLOPFER, Peter H. Habitats and Territories: a study of the use of space by animals. New York: Basic Books, 1969.

MEDEIROS, Bartolomeu Tito Figueirôa. Quilombo, Comunidade, Grupo Étnico: usos e sentidos dos termos, hoje. In. FILHO, Wilson Trajano. Lugares, Pessoas e Grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional. Brasília: Athalaia, 2010, pp. 171-180.

MORAES, Antônio Carlos Robert (Org.) Ratzel. Geografia. São Paulo: Editora Ática, 1990.

_____. Geografia Pequena História Crítica. São Paulo: Hucitec, MOUTINHO, Mário. Introdução à Etnologia. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

PENA, Sérgio D. J.; BIRCHAL, Telma S. A Inexistência biológica versus a existência social de raças humanas: pode a ciência instruir o etos social? Revista USP, São Paulo, n. 68, p. 10-21, 2006.

RAMOS, Arthur. Introdução à Antropologia Brasileira: as culturas não-européias. 1º volume, 2ªed. Coleção Estudos Brasileiros da CEB. Rio de Janeiro: CEB, 1951.

RATZEL, Friedrich. Völkerkunde: Die Naturvölker Afrikas. Leipzig: Berlag des Bibliographische Infinitus, 1885.

RITTER, Carl. Comparative Geography (Trad. William L. Gage). Philadelphia: J. B. Lippincott & CO, 1865.

ROMANUCCI-ROSS, Lola; DeVOS, George. Ethnic Identity: creation, conflict, and accommodation. Walnut Creek: Altamira Press, 1995.

ROSENBERG, Matt. Carl Ritter: A Founder of Modern Geography (2013). Disponível em: < <http://geography.about.com/od/historyofgeography/a/carlritter.htm> > Acessado em: 03 de Julho de 2013.

SORRE, Max. Fundamentos Biológicos de la Geografia Humana: ensayo de una ecologia del humbre. Barcelona: Editorial Juventud, S. A., 1955.

_____. El Hombre en la Tierra. Barcelona: Editorial Labor, 1967.

SOUlier, Paul. Le Relief de la Terre: sés origines – sés lois – son évolution. Paris: Librairie Félix Alcan, 1925.

TANIZAKI, Junichiro. Em louvor da sombra. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TISCHNER, Herbert. Etnologia. Lisboa: Editora Meridiano, 1972.

VALLE, Carlo Della. Lecco e il suo Território: studio Antropogeográfico. Memorie Della Società Geográfica Italiana. v. 21. Roma: Società Geográfica Italiana, 1954.

WAGNER, Philip L. El Uso Humano de la Tierra. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1974.